

REVISTA DO
MUSEU
ANTROPOLÓGICO

**MORTE DE LÍNGUA
OU MUDANÇA LINGÜÍSTICA?**
Uma revisão bibliográfica¹

Thaís Cristófar-Silva*

RESUMO: O objetivo central deste artigo é apresentar uma revisão da literatura sobre morte de língua. Espera-se oferecer aos pesquisadores interessados neste tópico uma ampla listagem bibliográfica. Acredita-se que ao compreendermos melhor as questões associadas às mudanças lingüísticas em línguas que gradualmente reduzem seu escopo de uso ou eventualmente deixam de ser faladas poderemos compreender melhor a aquisição da linguagem, a maneira como as mudanças lingüísticas atuam e, sobretudo, poderemos formular teorias lingüísticas mais sólidas.

PALAVRAS-CHAVE:

Mudança lingüística; morte de língua; línguas em contato.

Introdução

O objetivo central deste artigo é apresentar uma revisão da literatura sobre morte de língua. Espera-se oferecer aos pesquisadores in-

* Professora Adjunta do Departamento de Lingüística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora associada ao Department of Portuguese and Brazilian Studies do Kings College London – University of London. Doutora em Lingüística pela Universidade de Londres.

interessados neste tópico uma ampla listagem bibliográfica. Acredita-se que ao compreendermos melhor as questões associadas às mudanças lingüísticas em línguas que gradualmente reduzem seu escopo de uso ou eventualmente deixam de ser faladas poderemos compreender melhor a aquisição da linguagem, a maneira como as mudanças lingüísticas atuam e sobretudo poderemos formular teorias lingüísticas mais sólidas. Este artigo pretende ainda apresentar algumas reflexões sobre aspectos teóricos relacionados à caracterização de línguas que têm sido tipicamente tratadas como línguas em extinção. Pretende-se também oferecer uma caracterização dos aspectos relacionados às mudanças lingüísticas que são atestadas em línguas que caem em desuso.

Morte de língua?

O fato de que algumas línguas são extintas através dos anos é bastante conhecido. Temos casos clássicos de línguas como o latim e o sânscrito que foram estudadas através de textos escritos e contribuíram para a análise histórica das línguas descendentes. Contudo, o processo pelo qual essas e outras línguas tornaram-se extintas e as razões que levaram à extinção das mesmas não foram amplamente estudados. A necessidade de desenvolver estudos com a perspectiva de esclarecer o processo de extinção das línguas pode ser atestada na literatura:

“Numerous instances are attested of languages going out of use: Cornish in the eighteenth century, Dalmatian in the nineteenth and today many indigenous languages throughout the world. Thorough documentation of these stages leading to their extinction would be of great interest to historical linguistics. Many languages we know about are now extinct; the steps to their extinction may be understood more clearly if we have thorough descriptions of languages now on the way to extinction.” (Lehmann, 1962:111).

Línguas como o latim e o sânscrito na verdade sofreram uma metamorfose. O grego antigo tem no grego moderno o seu descendente direto. De maneira análoga, as línguas românicas – como o português,

francês, catalão, espanhol, italiano – refletem as mudanças ocorridas no latim. Pode-se argumentar que as línguas de fato transformam-se através do tempo devido às mudanças lingüísticas estruturais. Pretende-se na próxima seção separar casos de morte de línguas e casos de mudanças lingüísticas abruptas.

Categorizando morte de língua

Assume-se neste trabalho que há pelo menos três casos concretos de morte de línguas. Vale dizer que nesses casos as causas relacionadas ao desaparecimento, extinção ou morte da língua em questão não são diretamente associadas a aspectos lingüísticos. Em outras palavras, a morte da língua se dá de maneira tão abrupta que não é possível identificar os estágios de desaparecimento de uma determinada língua.

O primeiro caso de morte de língua está relacionado às situações em que o pesquisador não pôde investigar o processo de desaparecimento da língua porque havia apenas um ou simplesmente uns poucos falantes vivos (cf. Swadesh, 1948; Haas, 1940). Monserrat & Emmerich (1975) trabalharam com dois informantes da língua Botocudo e o resultado deste trabalho demonstra a dificuldade metodológica de se trabalhar com os últimos falantes de uma determinada língua.

O segundo caso de morte de língua está relacionado à opressão política imposta aos falantes de uma determinada língua. Campbell & Muntzel (1989) discutem o caso de falantes das línguas lenca e cacaopera de El Salvador, os quais pararam de falar a sua língua materna. Os falantes destas línguas foram reprimidos politicamente resultando na morte de 25 mil índios. Os sobreviventes deixaram de falar a língua na perspectiva de não serem identificados como membros daqueles grupos étnicos.

O terceiro caso de morte de língua é caracterizado pelo fato de que a língua deixa de ser usada coloquialmente e é mantida apenas em situações de ritual (embora às vezes alguns falantes possam lembrar-se de alguns poucos itens léxicos). Muitas vezes os participantes do ritual em que a língua é utilizada não sabem o conteúdo semântico do que está sendo dito. O latim mantido nos rituais religiosos no Brasil representa um desses casos.

Assume-se neste trabalho que os três casos expostos acima refletem casos de morte de língua. Salienta-se mais uma vez que nestes

casos as línguas desaparecem em um curto espaço de tempo e os fatores que levam ao seu desaparecimento são exclusivamente não-lingüísticos. Sendo assim, não se faz possível descrever o processo de desaparecimento de uma determinada língua. Oposta a esta perspectiva, argumenta-se que "mudanças lingüísticas abruptas" geram a extinção de uma língua. Em busca de conceituar "mudanças lingüísticas abruptas", vamos rever o que tem sido dito na literatura sobre morte de língua. Na próxima seção serão tratados alguns aspectos relacionados aos estudos das línguas em extinção.

Uma primeira proposta de documentação de línguas em extinção

Pode-se observar que alguns estudos apenas mencionam o processo de extinção de uma língua sem ter a preocupação de documentar tal processo (cf. Boomfield, 1927; Krauss, 1963-1970). Bloomfield (1927) descreve o desempenho lingüístico de um de seus informantes da seguinte maneira: "*His Menomini is atrocious. His vocabulary is small; his inflections are barbarous; he constructs sentences on a few threadbare models. He may be said to speak no language tolerably.*"

Na tradição lingüística norte-americana, a documentação lingüística foi vista como relevante quando perceberam que as línguas estavam desaparecendo. Contudo, os lingüistas não estavam explicitamente interessados em estudar o processo de extinção da língua em si. A grande preocupação era obter uma descrição lingüística o mais completa possível antes que os falantes de tais línguas desaparecessem. Havia inclusive a intenção de descrever a versão menos adulterada de uma língua qualquer (cf. Miller, 1971). Assim, os pesquisadores ofereciam análises dessas línguas como se elas não tivessem variação interna entre falantes. Portanto, dentro desta perspectiva metodológica, a comparação entre a produção lingüística de vários falantes não era obtida. Isto oferece a falha em observarmos a interferência de outra(s) língua(s) no processo de extinção ou analisarmos fenômenos estruturais em relação a variação entre falantes. Além desta perspectiva de documentar as línguas em extinção, atesta-se na literatura a preocupação de alguns lingüistas com ques-

tões teóricas relacionadas ao processo de desaparecimento de línguas. A próxima seção apresenta uma revisão bibliográfica dos primeiros trabalhos com esta perspectiva.

As primeiras preocupações teóricas com a morte de línguas

Dressler (1977) e Schmidt (1985) citam o trabalho de Cotenau (1957) como a primeira monografia sobre morte de língua. Na minha pesquisa pude, contudo, documentar trabalhos antecedentes: Vendryes (1934), Swadesh (1948) e Terracini (1951)². Estes trabalhos, i.e. Vendryes, Swadesh, Terracini e Cotenau, discutem aspectos teóricos relacionadas à questão de morte de línguas e buscam a postular hipóteses que possam vir a explicar porque certas línguas deixam de ser usadas e tornam-se extintas. Contudo, esses autores infelizmente não analisam ou descrevem o(s) processo(s) relacionados à extinção de línguas. Em resumo, esses autores apresentam uma discussão de fatores que possam levar à morte de uma língua mas não discutem questões estruturais e lingüísticas que porventura possam estar relacionadas ao desaparecimento de uma determinada língua.

Embora estes trabalhos tenham falhado na busca das razões estruturais do desaparecimento das línguas, eles fomentaram a discussão sobre o tema. Há ainda o mérito de esses trabalhos indicarem que fatores sociais e lingüísticos mesclavam-se no processo de desaparecimento de uma língua. Somente na década de 70 é que começam a surgir trabalhos com a perspectiva de analisar o processo de extinção das línguas. Busca-se, a partir daí, a formulação de aspectos metodológicos explícitos para estudar comunidades de fala em que a língua encontrasse em processo de perda de uso abrangente. Passa-se também a formular questões teóricas mais definidas em relação à relevância de se estudar tais comunidades de fala. Na próxima seção será apresentada uma revisão bibliográfica desses trabalhos.

Formulando uma metodologia para analisar morte de língua

A ameaça às línguas ou a extinção delas foi observada em inúmeras partes do planeta: o bretão na Europa (cf. Dressler, 1977), o barbaram na Austrália (cf. Capell, 1971), o limbu no sul da Ásia (cf.

Miller, 1969) ou o batsibi na antiga União Soviética (cf. Lewis, 1972). Esses trabalhos mostraram que havia similaridades em relação às diferentes situações lingüísticas de comunidades cujas línguas estavam deixando de ser faladas de maneira abrangente. Contudo, a formulação de uma metodologia adequada para trabalhar nessas comunidades de fala ainda estava por ser formulada.

A meu ver, a descrição mais abrangente e detalhada sobre os processos relacionados à extinção de uma língua é apresentada nos resultados de pesquisa de Nancy Dorian sobre o gaélico escocês falado no norte da Escócia (Dorian, 1973 e trabalhos subsequentes). Essa autora, além de oferecer dados lingüísticos preciosos, apresenta uma proposta metodológica de análise de dados em comunidades cujas línguas estavam ameaçadas de extinção. O livro intitulado "Language-death – The life cycle of a Scottish Gaelic dialect" (1981) e suas análises de pontos específicos sobre aspectos morfofonológicos (1977), morfologia (1978), sintaxe (1973) e sociolingüística (1980, 1983) oferecem uma visão detalhada de aspectos relacionados à morte de língua. Em seus trabalhos, Dorian observou um contínuo de proficiência entre os falantes do gaélico escocês. Assim, essa autora sugeriu a classificação de falantes como fluentes e semifalantes. Cristófar-Silva (1988) identifica uma categoria adicional de falantes: inseridores. As características destas três categorias de falantes são apresentadas abaixo:

- Falantes fluentes são aqueles indivíduos proficientes na língua em questão e são reconhecidos pela comunidade como falantes plenos da língua.
- Semifalantes são aqueles indivíduos que têm algum grau de proficiência na língua em questão mas tendem a fazer uso de uma variedade simplificada da língua³. Estes falantes são geralmente mais jovens que os falantes fluentes.
- Inseridores são aqueles indivíduos que fazem uso da estrutura gramatical de uma outra língua – geralmente a língua dominante – mas inserem itens lexicais da língua em questão. Neste caso, os falantes da língua dominante não conseguem interagir com os falantes da língua ameaçada. Os falantes fluentes e semifalantes, contudo, interagem com os inseridores.

Embora as categorias acima contribuam para a análise dos dados coletados em comunidades cuja língua está tendo uso reduzido, deve-se ressaltar que de fato tem-se um contínuo de proficiência que poderíamos classificar de [+fluyente] até [-fluyente]. Além de levar-se em conta o material lingüístico coletado, deve-se também avaliar as classificações recíprocas feitas pelos membros da comunidade. O que gostaria de apontar aqui é que membros da comunidade de fala em questão têm os seus próprios julgamentos quanto ao desempenho lingüístico dos outros membros da comunidade. Em minha pesquisa pude observar que a classificação decorrente da análise do desempenho real dos falantes (ou seja, os dados gravados) não é necessariamente compatível com a classificação apresentada pelos membros da comunidade. Algumas vezes, os membros da comunidade podem levar em consideração o papel político, social e religioso desempenhado pela pessoa cuja avaliação lingüística está sendo solicitada.

Dorian propõe também as seguintes técnicas para elicitación de dados:

- aplicar questionários com objetivos específicos;
- solicitar a tradução de sentenças;
- gravar conversas entre falantes.

O grande mérito da proposta de Dorian é oferecer uma classificação de diferentes falantes e discutir aspectos inerentes à estrutura lingüística da língua que está sendo analisada. Os dados de Dorian demonstram ainda que certos fenômenos – como por exemplo a troca de marcação de casos por marca preposicional – são atestados em mudanças lingüísticas em línguas cujo desempenho é bastante vitalizado, com uso amplo e sem ameaça de extinção. A diferença no primeiro caso é que as mudanças ocorrem em ritmo bastante acelerado.

Um outro trabalho importante é o de Jane e Kenneth Hill, que analisaram o processo de morte de língua no nahuatl moderno que é falado no México (1977, 1978a, 1978b, 1980a, 1980b, 1981, 1983). Vale ressaltar também a pesquisa de Dressler (1972, 1977) que foi realizada na parte baixa da Bretanha na França. O trabalho de Knab (1977, 1978)

avalia a situação lingüística no vale de Puebla no México. Gal (1979) consiste de um estudo detalhado das condições sociais envolvidas no processo de perda de língua ao discutir o húngaro falado na Áustria. Schmidt (1985) trabalhou com a população sobretudo jovem falante da língua dyirbal falada na Austrália. A língua pipil da família Uto-asteca falada em El Salvador foi analisada por Campbell (1987). Hindley (1990) discute casos de mudanças lingüísticas no irlandês gaélico.

Todos esses trabalhos foram desenvolvidos em comunidades de fala em que a língua estava em processo de extinção. Embora possa ser observada uma grande diferença quanto aos aspectos sociais, políticos, econômicos, quanto ao número de falantes e quanto aos diferentes graus de proficiência dos falantes, é possível observar algumas similaridades do ponto de vista social e lingüístico. O primeiro ponto a ser considerado na análise de morte de línguas é o fato de que estas comunidades estão em contato com outra(s) comunidade(s) lingüísticas cujo prestígio social e econômico é maior do que o da comunidade cuja língua está ameaçada. Assim, os falantes geralmente mais jovens passam a fazer uso mais restrito da língua de menor prestígio. Pode-se observar que a língua com menor prestígio perde alguns de seus aspectos funcionais (cf. Schlieben-Lange, 1977).

McMahon (1994:285) propõe a seguinte definição para morte de língua:

"The definition of language death we shall adopt essentially involves a transfer of allegiance of part of a population from a language which has been native in the area, to a more recently introduced language in which the indigenous population has become bilingual. The new language is generally spoken natively by more powerful speakers, who may also be more numerous, and is typically associated by speakers of the minority language with prestige, wealth and progress. The minority language is then effectively deserted by its speakers, becoming appropriate for use in fewer and fewer contexts, until it is entirely supplanted by the incoming language. Although terminology in this area is not yet settled, I shall call this sociolinguistic change language shift."

Seguindo a proposta acima, passaremos a ver morte de língua como um caso de mudança lingüística (language shift). Certamente, as mudanças lingüísticas ocorrem de maneira muito mais rápida e acentuada no caso de línguas em processo de extinção do que em casos em que as línguas não se encontram ameaçadas. Sendo assim, sugiro o termo "mudança lingüística abrupta" para fazer referência aos casos de mudanças lingüísticas que são atestadas em comunidades cujas línguas encontram-se ameaçadas.

Uma conseqüência do processo de "mudança lingüística abrupta" observado em línguas em extinção é o fato de que os pais geralmente deixam de falar a língua minoritária com os filhos. Portanto, as gerações mais novas não se tornarão falantes fluentes da língua ameaçada de extinção. Assim, em algumas gerações a língua desaparecerá uma vez que o vocabulário e certas construções gramaticais deixam de ser utilizadas. McMahon (1994) sugere o termo "obsolescência lingüística" para caracterizar os casos em que as mudanças graduais ocorrem em comunidades cuja língua encontra-se ameaçada. A "obsolescência lingüística" é concomitante às "mudanças lingüísticas abruptas".

Os trabalhos sobre morte de línguas discutidos anteriormente assumiram tipicamente duas propostas metodológicas. Alguns trabalham com a perspectiva de "tempo real" (cf. Labov, 1972). Neste caso, o pesquisador trabalha com material lingüístico coletado em diferentes períodos e compara-os. Exemplos deste tipo de metodologia são Hill & Hill (1973, 1978b) ou Voegelin & Voegelin (1977). Uma outra perspectiva é aquela que trabalha com "tempo aparente" (cf. Labov, 1972). Neste caso é feita a comparação de material lingüístico entre falantes de uma mesma comunidade considerando-se faixas etárias diferentes. Exemplos deste tipo de metodologia são Dorian (1981), Dressler & Wodak-Leodolter (1977), Hill (1978a, 1980a, 1980b).

A meu ver, a segunda proposta – de trabalhar com tempo aparente – se faz mais adequada. Isto porque na grande maioria das vezes o material disponível a ser trabalhado em uma análise de tempo aparente é geralmente apenas escrito. Sem a versão em áudio, ou o registro em transcrição fonética acurada, o pesquisador tem pouco controle sobre os dados a serem analisados. No segundo caso, ao considerarmos faixas etárias diferentes temos um controle maior dos dados a serem

analisados. Ideal mesmo seria contarmos com dados bem coletados do ponto de vista metodológico e de registro ao longo de um certo período de tempo. O trabalho de Dorian demonstra que a análise de dados ao longo de um período de tempo e o conhecimento das regras sociais da comunidade podem contribuir de maneira significativa para a discussão das línguas em processo de extinção.

Categorizando morte de língua

Aitchison (1981) é uma autora que discute os casos de “suicídio de língua” e “assassinato de língua”. Embora estes termos apareçam com certa regularidade na literatura sobre morte de língua, há consenso de que a terminologia não seja completamente apropriada. Contudo, vale indicar os traços mais marcantes destas duas categorias, embora tais critérios não estejam completamente definidos. O valor de se discutir esta distinção está sobretudo relacionado à necessidade de se estabelecerem limites explícitos entre situações diferentes que muitas vezes são tratadas da mesma maneira. O critério principal desta categorização é quanto ao relacionamento entre as duas línguas envolvidas no processo.

“Suicídio de língua”: *quando duas línguas relacionadas que estejam em contato interagem intensamente sendo que a língua de menor prestígio aparenta cometer suicídio ao absorver continuamente mais e mais material da língua de maior prestígio. Tipicamente envolve um crioulo e uma língua relacionada a este. “Suicídio de língua” é as vezes visto como um processo de descrioulização.*

- Tipicamente envolve duas línguas relacionadas;
- os falantes abandonam a sua primeira língua;
- há geralmente muitos empréstimos da língua introduzida.

“Assassinato de língua”: *ocorre a perda gradual da língua minoritária ou de menor prestígio. Não há necessariamente a incorporação de empréstimos ou de estruturas gramaticais da língua de maior prestígio. Na maioria das*

vezes isto nem sequer acontece. Observa-se um contínuo de proficiência entre os falantes.

- A língua ameaçada e a língua introduzida não precisam ter relação
- os falantes da língua ameaçada relutam a continuar usando esta língua
- não há necessariamente a incorporação de empréstimos

O caso de “assassinato de língua” indicado acima está relacionado ao caso em que a língua passa a ser obsoleta (cf. “obsolescência lingüística” acima). Schmidt (1985:189) sugere que no estágio terminal de uma língua os falantes contam apenas com os recursos lingüísticos da língua que está superando a língua ameaçada. A próxima seção apresenta algumas questões teóricas relacionadas ao desaparecimento de uma língua.

Algumas reflexões finais sobre morte de línguas

Um importante ponto a ser investigado é se há características essenciais inerentes ao processo de perda de língua. Pode-se afirmar que algumas mudanças lingüísticas são consistentemente encontradas em línguas em processo de extinção. Como já foi mencionado anteriormente, a mudança lingüística é muito mais abrupta no caso de extinção de uma língua. Dentre os traços proeminentes que podem ser observados destacam-se (McMahon, 1994:308):

- perda de irregularidades;
- redução de alomorfia (geralmente por analogia);
- movimento de estruturas sintéticas para estruturas analíticas.

Algumas mudanças podem ser motivadas pela língua dominante, mas certamente nem todas as mudanças são. A quantidade de empréstimo lexical varia de maneira considerável de língua para língua. Observa-se uma clara influência de padrões gramaticais da língua dominante na língua ameaçada, que, na verdade, é mais importante do que o empréstimo lexical. Um exemplo disso é apresentado por Dorian ao analisar as marcas de plural no gaélico escocês.

Ela observa que passa a ser recorrente uma única forma de plural para substantivos cuja marca morfológica é -en. Esta preferência pode estar relacionada ao fato de que a língua concorrente – o inglês – tem uma marca recorrente para marcar o plural em substantivos. Contudo, a marca de plural em inglês é o sufixo -s e no gaélico escocês é o sufixo -en. A congruência é quanto ao fato de buscar-se um marcador de plural mais regular.

Um outro aspecto interessante que está relacionado à extinção de uma língua é o fato de que a língua ameaçada passa a ser associada com as pessoas mais velhas e com atitudes ultrapassadas. Muitas vezes há associação também com a pobreza e com a falta de oportunidades de desenvolvimento pessoal e comunitário. McMahon (1994:308) sugere que a rejeição social pode acelerar a extinção de uma língua que passa a ser sujeita a reduções sem ter compensação em outras áreas da gramática. Assim, a língua passa a ser inflexível e monoestilística. Portanto, a redução e adaptação de estruturas lingüísticas são sinais de ameaça de uma língua que pode potencialmente se tornar extinta (Dressler & Wodak-Dressler, 1977).

Uma outra discussão interessante em relação à morte de língua é a sua relação com outras situações de línguas em contato. Dressler & Wodak-Leodolter (1977) discutem a semelhança de morte de língua e pidginização. Trudgill (1976) argumenta pela "crioulização em reverso" no caso de morte de língua. Há, contudo, vários pontos polêmicos que demonstram diferenças marcantes entre morte de língua e pidginização. Uma dessas diferenças é quanto a situação sociocultural. No caso de pidginização, tem-se o primeiro estágio de uma língua (que pode vir a ser um crioulo). No caso de morte de língua tem-se o estágio terminal de uma língua. Os pidgins parecem florescer de uma situação formal que envolve o comércio, enquanto que a morte de língua está relacionada à contatos de vínculos sociais estreitos e, portanto, de caráter informal. Há ainda a grande diferença quanto à aquisição. No caso de pidgins, os falantes mais novos têm contato com os falantes mais velhos que são potencialmente os primeiros falantes daquela variedade lingüística. Já no caso de morte de línguas, os falantes jovens terão contato com os falantes mais velhos que são potencialmente mais flu-

entes. Dentre tantas questões a serem respondidas, certamente vale a pena ampliar o escopo de pesquisa nesta área.

Conclusão

Este artigo teve por objetivo apresentar uma revisão da literatura sobre morte de língua. Ao discutir aspectos teóricos e metodológicos relacionados com esta questão, espera-se ter colaborado com o trabalho de pesquisadores que atuam nesta área.

ABSTRACT: This article intends to provide a comprehensive review of the literature on language death. It is expected to contribute to the research on this topic. It is believed that a better understanding of linguistic changes in languages which slowly become extinct may contribute to areas such as language acquisition, to a better understanding of how linguistic changes apply so that better linguistic theories can be formulated.

KEYWORDS:

Linguistic change; language death; languages in contact.

NOTAS

- ¹ Este trabalho reflete pesquisa bibliográfica realizada entre 1982-1988. Uma versão preliminar deste trabalho intitulada "Linguistic Change or Language Death? (ms.)" foi aceito para ser apresentado no 12th International Congress of Ethnological and Anthropological Sciences in Zagreb (1988). Esta versão foi revisada e atualizada.
- ² Gostaria de agradecer ao Professor Eugene Coseriu pelo envio de cópia dos trabalhos de Coutenau, Vendryes e Terracini, em 1988.
- ³ Por "versão simplificada" entende-se que o desempenho destes falantes é claramente distinto do desempenho dos falantes fluentes apresentando traços típicos de pidgins. A relação entre morte de língua e pidgins e crioulos será tratada posteriormente. Vale ressaltar que os semi-falantes falam mais lentamente do que os falantes fluentes e tipicamente fazem mais uso de empréstimos da língua dominante. Além disto, os semifalantes sentem-se pressionados e emocionalmente desconfortáveis quando interagindo com falantes fluentes. Contudo, os semifalantes geralmente têm uma competência passiva quase que equivalente à de um falante fluente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AITCHISON, J. **Language change: progress or decay?** Cambridge: University Press, 1981.
- BLOOMFIELD, L. Literate and Illiterate Speech. **American Speech**, v. 2, 1927.
- BRAGGIO, S. A instauração da escrita entre os xerente: conflitos e resistências. **Revista do Museu Antropológico**, Goiânia, v. 3-4, n. 1, p. 19-43, 1999.
- CAMPBELL, L. Syntactic change in Pipil. **IJAL**, Chicago, v. 53, n. 3, 1987.
- CAMPBELL, L.; Muntzel, M.. The structural consequences of language death. In: DORIAN, N. p. 181-196, 1989.
- CAPELL, A. History of research in Australian and Tasmanian Languages. In: **Linguistics in Oceanis**. Current Trends in Linguistics. v. 8. Thomas Sebeok (ed). The Hague Mouton, 1971.
- COTENAU, I. **Cum dispare o limba (Istronomina)**. Bucharest: Societatea de Stiinte Istorice si Filologice din R.P.R. , 1957.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. **Descrição fonética e análise de alguns processos fonológicos da língua krenak**. 1986. Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal de Minas Gerais.
- _____. **Linguistic change or language death?** 1988. Trabalho aceito para ser apresentado no 12th International Congress of Ethnological and Anthropological Sciences in Zagreb. Manuscrito.
- CRYSTAL, D. **Language death**. Oxford: University Press, 2000.
- DORIAN, N. Grammatical change in a dying dialect. **Language**, n.49, 1973.
- _____. Gender in a terminal gaelic dialect. **Scottish Gaelic Studies**, n.12, 1976.
- _____. The problem of the semi-speaker in language death. **IJSL**. Mouton de Grutyer, n.12, 1977.
- _____. A hierarchy of morphophonemic decay in Scottish Gaelic language death: the differential failure of lenition. **Celtic Linguistics**, 1977.
- _____. **East Sutherland Gaelic: the dialect of the Broa, Golspie and Embo fishing communities**. Dublin: Institute for Advanced research, 1978.
- _____. The fate of morphological complexity in language death: evidence from East Sutherland Gaelic. **Language**, n. 54, 1978.
- _____. The preservation of the vocative in a dying gaelic dialect. **Scottish Gaelic Studies**, n. 13, 1978.
- _____. Linguistic lag as an ethnic marker. **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 9, n.1, 1980.
- _____. Linguistic shift in community and individual: the phenomenon of the laggard semi-speaker. **IJSL**, n. 25, 1980.
- _____. **Language death: the life cycle of a Scottish Gaelic dialect**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1981.
- _____. Natural second language acquisition from the perspective of language death. In: ANDERSON, D. (Ed.). **Pidginization and**

creolization as language acquisition. University of California. Newbury House Publishers, 1983.

DORIAN, N. (ed) **Investigating Obsolescence: studies in Language Contraction and Death.** Cambridge: University Press, 1989.

DRESSLER, W. **On the phonology of language death.** Papers from the 8th regional Meeting. Chicago Linguistics Society, 1972.

_____. Language preservation and language death in Brittany. **IJSL**, Mouton., n.12., 1977.

_____. **Language shift and language death: a Protean challenge for the linguist.** Forum Linguisticum, 1981.

_____. Language death. In: NEWMAYER (ed). 1988. V.4.

DRESSLER, W.; R. Wodak-Leodolter: introduction. **IJSL**, Mouton., n.12, 1977.

GAL, S. **Language Shift.** New York: Academic Press, 1979.

GRENOBLE, L. A.; WHALEY, L. I. (eds.). **Endangered languages.** Language loss and community response (currents issues and future prospects). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism.** Cambridge: Harvard University Press, 1982.

HAAS, M. **Tunca Extract from the Handbook of American Indian Languages.** v. 4. J. J. Augustin Publisher. New York, 1940.

HILL, J.; K. HILL. Subordinate Clause density and Language Function. In: If you take the high node I'll take the low node. **Papers from the comparative syntax festival.** Chicago: Chicago Linguistics Society, 1973.

_____. Language death and relexification in Tlaxcalan Nahuatl. **IJSL**, Mouton, n.12, 1977.

HILL, J.; K. Hill. Honorific usage in modern Nahuatl: the expression of social distance and respect in the Nahuatl of Malinche Volcano area. **Language**, n.54, 1978.

_____. Language death, language contact and language evolution. In: WURN, S.; McCOMARCK (Ed.). **Approaches to Language.** The Hague Mouton, 1978.

_____. Mixed grammar, purist grammar and linguistic attitudes in Modern Nahuatl. **Language in Society**, Cambridge University Press, v. 9, n. 3, 1980.

_____. **Methaphorical Switching in Modern Nahuatl: change and contradiction.** Papers from the 16th Regional Meeting. Chicago Linguistic Society, 1980.

_____. Variation in relative clauses construction in Modern Nahuatl. In: **Nahuatl Studies in Memory of Fernando Hocasitas.** F. Karttunen (ed). Texas Linguistics Fórum, 18, 1981.

_____. Language Death in Uto-Aztecan. **IJAL**. The University of Chicago Press, v. 49, n. 3. 1983.

KNAB, T. The long and short of the Aztecan dialects. In: **Proceedings of the 3rd annual meeting of the Berkeley linguistic society.** K. Whistler et al. (ed). 1977.

_____. **Diagnosing language death.** Paper presented at the LSA. Boston, 1978.

KRAUSS, M. **Eyak Texts.** 1963-1970. (Mimeogr.).

_____. The world languages in crisis. **Language**. v. 68, n. 1, 1992.

- HINDLEY, R. **The death of the Irish language: A qualified obituary.** Routledge. London, 1990.
- LADEFOGED, P. Another view of endangered languages. **Language**, v.68, n. 1, 1992.
- LABOV, W. **Sociolinguistics Patterns.** Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LEHMANN, W. **Historical Linguistics: An Introduction.** Holt, Rinehart and Winston. New York, 1962.
- LEWIS, E. **Multilingualism in the Soviet Union: aspects of language and its implementation.** Contributions to the Sociology of Language. The Hague Mouton, 1972. v. 3.
- MCMAHON, A. **Understanding Language Change.** Cambridge University Press, 1994.
- MILLER, R. A. The Tibeto-Burman Languages of South Asia. In: **Linguistics in South Asia Current**, 1969.
- _____. The death of language on serendipity among Shoshoni. **Anthropological linguistics**, v. 13, n. 3, 1971.
- MONSERRAT, R.; C. Emmerich. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. **Boletim do Museu do Índio.** Rio de Janeiro, n. 3, 1975.
- NEWMAYER, F. **Linguistics: The Cambridge Survey.** Cambridge University Press, 1988. v. 1: Linguistic Theory – Foundations; Volume 2: Linguistic Theory – Extensions and Implications; Volume 4: The Socio-Cultural Context.
- RODRIGUES, A. D. Endangered languages in Brazil. In: **Symposium on endangered languages of south america.** Rijks Universiteit Leiden, 1993.
- ROMAINE, S. **Bilingualism.** Oxford: Blackwell, 1995.
- SEKI, L. Problemas no estudo de uma língua em extinção. **Boletim da Abralin.** n. 6, p. 109-118, 1984.
- SCHILLING-ESTES, N.; W. Wolfram Alternative models of dialect death: dissipation vs. concentration., Southeastern France. **IJSL**, Mouton, n. 12, 1999.
- SCHMIDT, A. **Young people Dyirbal: an example of language death from Australia.** Cambridge University Press, 1985.
- SWADESH, M. Sociologic notes on obsolent languages. **IJAL**, v. 14, n. 4, 1948.
- TERRACINI, B. **Conflictos de Lenguas y Culturas.** Buenos Aires. Ediciones Iman, 1951.
- TRUDGILL, P. Creolization in reverse: reduction and simplification in the Albanian dialects of Greece. **Transactions of the Philological Society.** p. 32-50, 1976.
- VENDRYES, J. La Mort des Langues. In: **Conference de l'institut de Linguistique de L'universite de Paris.** Ancienne Librairie Furne. Boivin and Cie (ed). Paris, 1934.
- VOEGELIN, C.; M. Voegelin. Is Tubatulabal de-acquisition relevant to the theories of language acquisition? **IJAL**, University of Chicago Press v. 43, n. 4, 1977.

COMISSÃO TÉCNICA

Diagramação e editoração eletrônica: Cleomar Gomes Nogueira
Normalização: Maria Bernadete de Azevedo Nazareno
Revisão de texto português: Rafael Moreira da Silva
Revisão de texto inglês: Tânia Regina Vieira
Revisão de provas: Marco Antonio Lazarin, Silvia L.B. Braggio
e Marize Farah
Secretaria: Izabel Maria Lopes Cunha

End.: Av. Universitária, 1166 – Setor Universitário
74605-010 – Goiânia – Goiás
Fone: (062) 209-6010
Fax: (062) 202-1367
E-mail: museu@museu.ufg.br
Sites: www.museu.ufg.br
www.museu.ufg.br/labarq

SSN 0104-3560

Revista do Museu Antropológico / Museu Antropológico
da UFG. v. 1., n.1, 1992 –
Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992

v. 5/6. n. 1. jan/dez. 2001/2002
Anual

I.Ciências Sociais I.UFG. Museu Antropológico

CDU 3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

Reitora

Milca Severino Pereira

Vice-Reitor

Lázaro Eurípedes Xavier

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação

Eliana Martins Lima

Diretora do Museu Antropológico

Dilamar Candida Martins

REVISTA DO MUSEU ANTROPOLÓGICO

Editor

Marco Antonio Lazarin

Editoras Associadas

Silvia Lucia Bigonjal Braggio

Mônica Veloso Borges

Rosani Moreira Leitão

Conselho Editorial

Aryon Dall'Igna Rodrigues – Lingüística/UnB

Dilamar Candida Martins – Arqueologia/UFG

Edna Luísa de Melo Taveira – Museologia/UFG

Fausto Miziara – Sociologia/UFG

Gale Goodwin Gomez – Lingüística/Rhode Island College/USA

Leandro Mendes Rocha – História/UFG

Lucy Seki – Lingüística/UNICAMP

Lydia Poleck – Lingüística/UFG

Margarida Davina Andreatta – Arqueologia/USP

Maria Célia Moura Santos – Museologia/UFBA

Maria Sueli de Aguiar – Lingüística/UFG

Marco Antonio Lazarin – Antropologia/UFG

Raquel F. Alessandri Teixeira – Lingüística/UFG

Silvia Lucia Bigonjal Braggio – Lingüística/UFG

Telma Camargo da Silva – Antropologia/UFG

Thekla Hartmann – Antropologia/USP